

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 27 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 61.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

## SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
A imprensa e o Dr. Poli.....	ALBERTO TORRES
Carta ao Sr. Felix Ferraz.....	E. ROUEDE.
O Báltador de rubins.....	A. MENDES.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
O septipatha.....	DR. H. DE SA'
A villa elegante.....	LORGNON.
Sahar a vitor.....	O BILAC. !
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA
Defesa dos cogumelos.....	DR. F. PESSANHA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	HENRICO.
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

### GERENTE

F. D'ALMEIDA

### SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## ASSIGNATURAS

### CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

### PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu toda, por bem dizer, ao famigerado Dr. Poli.

Neste momento o nosso gratuito e ingratisimo offensor está a bom recato, havendo conseguido, com o auxilio da policia de um passaporte para a Europa, dado pelo consul italiano, pôr-se a coberto de provaveis desforços d'este nosso admiravel povinho, que somente sente o cheiro da mostarda depois que a imprensa lhe tem atafalhado as narinas com grande porção d'ella.

Dispensamo-me de tratar d'esse triste assumpto porque dois dos mais distinctos collaboradores d'A Semana honram-na hoje com artigos sobre elle.

Apenas porei em relevo uma circumstancia, a capital, a que constitue a face

única da questão, pela qual deve ella ser considerada, no seu estado agudo, e que escapou ao lustrado e joven collega Dr. Alberto Torres, no artigo que adiante se vai ler.

Não se deve tratar de verificar se ha ou não ha razão e justiça em alguns topicos da atrabiliaria correspondencia do Dr. Poli para a *Patria Italiana*; mas, unicamente, attender a que a intenção d'esse hospede foi *insultar-nos*, a que elle não nos fez critica: fez-nos *injuria*, a que elle procurou cobrir-nos de ridiculo e de odiosidade, e onde? na Republica Argentina, em terra de inimigos nossos.

Supportar nas faces a mancha e a pancada da mão enlameada d'esse estrangeiro e apertar-l'ha depois, com a mesma cordialidade, não seria magnanimidade: seria impudor; não revelaria a sublimidade do perdão; mas somente—despatriotismo.

Infelizmente nos não temos sequer a virtude de simular que consideramos nossas, particularmente feitas a cada um de nos, as injurias assacadas contra a nossa patria.

Honra seja ao digno moço, conhecido nesta cidade pelo seu espantoso talento e pelas hilariantes *saitties* do seu espirito, que, primeiro de todos, foi, sosinho, a casa do insultador, apresentando-se ao *medico*, como gravemente affectado de *patriotite aguda*, para poder dizer ao *homem* que elle havia procedido torpemente, insultando o paiz que o hospedou e em que ha tanto tempo ganha tranquillamente a sua vida.

A questão, parece-me, felizmente está concluida.

O Dr. Poli vai partir pela catada, abandonando, *bon gré, mal gré*, ste repugnante paiz de *quadrumanos, asnos e velhaços*.

A sua diatribe nenhum mal nos poderá fazer porque toda a colonia italiana contra ella protestou, e porque aquelle pobre *septipatha* funambulesco não tem nome com que possa impor e auctorisar as necias arremettidas do seu furor...

E nós, embora um tanto tarde e um tanto irreflectidamente, teremos cumprido o nosso dever de filios d'esta terra, que poderá ser detestavel, mas que é *nossa*.

Será difficil, ousou crelo, que appareça de futuro outro Dr. Poli.

Desalteremo-nos de tão espinhoso e comburente assumpto entrando no Asylo dos Meninos Desvalidos, um dos estabelecimentos publicos que mais honram o Brazil.

Em boa hora elevou o Sr. ministro do imperio,—que cada vez mais se recommenda ao nosso respeito e á gratidão patria—em boa hora elevou S. Ex. o numero de asylados, que era de 300, a mais cem.

Foi agradabilissima a festa realisada no dia 24 do corrente para inauguração da officina de lutoeiros, officina montada com apparatus, machinas e organisação que a fazem a primeira do Brazil.

Falta-me infelizmente o espaço preciso para dar conta da excellente impressão que me deixou aquella visita. Mas *A Semana* subscreve totalmente os elogios, não excessivos, que fez toda a imprensa ao Asylo e ao seu illustrado e amavel director, e de coração associase ás festas que ella está organisando afim de, com o seu producto, desempenhar-se de antigo compromisso: a fundação de uma officina typographica no Asylo dos Meninos Desvalidos.

O generoso publico não regateará aos promotores d'esse grande melhoramento a sua protecção e a sua sympathia, pois que, fazendo-o, trabalhará em favor d'elle proprio.

Os protegidos de hoje são os protectores de amanhã.

Quem poderá recusar uma particula do seu superfluo ou sacrificio de um pouco do seu necessario para colaborar na abençoada obra de dar por mãe a orfãos—a Patria, e por protector a desprotegidos—o Trabalho?

Ninguém.

Ah, leitora gentil, nós, os da imprensa, podemos immodestamente assegurar-lhe, desde já, que V. Exa. ha de desejar outras occasiões de valer aos desvalidos para gosar de novas festas, tão bellas e originaes como as que lhe preparamos.

E não é que a Illustrissima Camara acabou, a rogo da policia, com as *poules*!

Desisto de discutir a justiça e a conveniencia d'esta medida.

*A Semana* ha de fazel-o por outra penna, mais entendida na materia.

Apenas arrisco esta observação:

Tem graça, tem muita graça que o governo acabe com o *jogo das poules* e continue a multiplicar o *innocente e honestissimo* passatempo das loterias.

Olhem que tem graça isto, tem muita graça!

A *Historia* começou em Poli e acaba em poule:—Poli e poule.

— Pois pule o Poli!

VALENTIM MAGALHÃES.

## A IMPRENSA E O DR. POLI

Pobre e desgraçado sujeito!

Nunca o typo inoffensivo do boie expiatorio teve uma encarnação tão viva e tão lamentavel, como neste infeliso pobre diabo!

Todas as coleras que nos aticavam na alma contra os nossos anonymos calumniadores, toda a nossa furia e toda a nossa indignação, desabaram agora sobre esse infeliz que teve a inconsciente sinceridade de deitar o nome embaixo das porcarias que nos quiz lançar.

E, francamente, neste chorrilho de diatribes e descomposturas que tem provocado o simplório artiguete do Dr. Poli, no jornal *La Patria*, nem eu sei se mais admire o ingenuo furor da imprensa fluminense, se a expositanea dedicação de alguns estrangeiros que protestam contra a injustiça do espectacular escriptor *septipatha*.

Mas que diabo querem os jornaes? Mas que pensam os nossos bondosos hospedes?

Pois isso que escreveu o Dr. Poli, na sua linguagem insolente de *lazzaroni* não é exactamente o que dizem e escrevem todos os brasileiros, em estilo mais ou menos pornographico, quando propalam, no estrangeiro, que a nossa sociedade está em plena dissolução de costumes, que a nossa instrucção está abaixo da instrucção da Cafraria, que o nosso commercio está fallido, que as nossas instituições são *chinós* feitos para inglez ver, que não temos caracter, que não temos hora nacional, enfim?

Não é isso mesmo que dizem, todos os dias, os nossos consules, diplomatas, titulares, dandys e escriptores quando viajam a Europa, e comparam com os paizes do velho mundo esta mesquinha patria— a patria natural da febre amarella, do patronato, dos *fagundes* e a patria adoptiva dos charlatães e das *cocottes* sem cotação nos mercados europeus?

Não é isso mesmo que diz o Imperial Senhor, nas palestras intimas com as celebridades europeas, quando faz crer que— á excepção d'elle— o augusto, o incomparavel, o delicioso, o magnanimo Senhor, que é o unico litterato de merito, o unico homem de sciencia, o unico trabalhador, o unico espirito adeantado, o unico abolicionista e o unico republicano d'esta horda de barbaros— nos todos, os brasileiros, somos uma sucia de papalvos sem forças, sem espirito e sem honra?

Pois não é isso mesmo?

Mas, então, porque todo esse gasto de tinta e de colera, de estilo e de indignação, pelo inoffensivo despeito de um charlatão maniaco, que vinga as suas amarguras de curandeiro sem clientes a bordoadas sobre as costas largas do nosso paiz prudente e commendador?

Não é logico, senhores jornalistas, não é sério.

O Dr. Poli é um typo genuino de pantomimeiro explorador, e, como tal, só é nocivo para os individuos que confiam na efficacia miraculosa dos seus elixires.

Dar-lhe outro valor, julgal-o capaz de nos desprestigiari, é despir-lhe o manto de guizos da *reclame* charlatanesca, e investil-o de toga. Quem sabe se, acossado pela magresa dos ganhos, nesta terra, e conhecendo a amavel *birra* que nos têm os Argentinos, não lhes lança ás boccas o mel, que pretende depois substituir pelos seus sanctos elixires?

Mas querem os meus compatriotas esbordoal-o, deporlal-o, matal-o, só por isso?

E' preciso, de uma vez, assignalar a nossa posição para com os estrangeiros...

De accordo. Que cada um que aqui chegou gose livremente das nossas riquezas, dos nossos direitos e da nossa hospitalidade, mas que respeite as nossas instituições e que concorra para o engrandecimento d'esta patria, que é nossa e que será d'elles.

Guerra, portanto, a todos os rotineiros que se oppoem á immigração, guerra ao escravismo, guerra aos calumniadores que nos assoalham e nos deshonram no estrangeiro: eis o que cumpre fazer.

Mas quem são os rotineiros, quem

são os escravistas, quem são os calumniadores?

Será o Dr. Poli algum d'elles?

Não; não foi aquelle artigo sensaborão e futil que preveniu contra o Brazil o espirito estrangeiro; não foi elle, o misero *caboclo* italiano, que affastou para o prata a multidão de colonos que para aqui vinham.

Antes d'esse pobre diabo, e com mais prestigio, têm-nos deshonrado muitos outros: — o Imperador, com a opposição pertinaz a todas as reformas livres, a todos os estímulos progressivos; os nossos estadistas, os nossos senadores e os nossos deputados, firmando a existencia do elemento servil, sustentando esta dependencia oppressiva da igreja e do estado, projectando a celeberrima escravidão chinesa, e deixando em abandono millares de colonos que para aqui vieram confiando na hospitalidade americana... e outros, e muitos outros.

A estes, sim, é que cumpre guerrear, a ferro e fogo, sem treguas e sem piedade.

Enquanto não houver no nosso caracter energia bastante para essa lucta, enquanto não abandonarmos, de todo, esta negligencia pelo nosso decoro e pela nossa reputação de povo civilizado—é ridiculo indignarmo-nos contra a cohorte impotente e fatua de todos os *Polis* que nos insultam.

24 de Fevereiro de 1884.

ALBERTO TORRES.

## Carta ao Illm. Sr. Felix Ferreira

Illm. Sr.

Tendes em mim um dos vossos mais entusiastas admiradores. Pessoalmente não vos conheço; e nesta occasião felicito-me por isso; porque os elogios sinceros que vos dirijo são devidos ao vosso real merecimento e não á sympathia que provavelmente me inspiraríeis se eu tivesse a honra de entreter convosco relações de amizade. Admiro-vos, digo, porque em nosso bello paiz é tão raro encontrar um homem que tenha a coragem de abrir caminho átravez da floresta do indifferentismo brasileiro, (e vos sabeis o quanto são espessas as florestas do Brazil) que quando encontro um homem de tal coragem não posso deixar de lhe apresentar as minhas mais calorosas felicitações. Aceitai-as, pois, porque partem do coração.

A idéa que tivestes de congregar os trabalhadores da intelligencia e de lhes facilitar os meios de discutir e defender seus interesses moraes e materiaes, é verdadeiramente digna de ser muito apreciada e de ser tomada em grande consideração por aquelles que dão a fórma ao *pensamento* «os escriptores» e aquelles que o multiplicam e distribuem—«os typographos e os livreiros.»

Parece-me, todavia, que para obter a realisação do vosso util projecto bastaria apresental-o, e que não era necessario anticipar as discussões que terão seu logar, natural e logicamente, no seio da sociedade que desejamos todos ver proximoamente crear-se. Vós publicaes as vossas opiniões particulares e combateis aquellas que não são vossas. Dizeis na columna nove do voso folheto: «O Brazil so teria que perder com um tratado litterario com a França...» Escreveis isto antes da organização da «Sociedade Bibliographica Brasileira.»

Permitti-me que vos responda tambem antes de sua formação, e crêde que se combato o paragrapho transcripto das vossas «Considerações» é porque isso me interessa directamente.

Poderia, como Camillo Castello Branco, referindo-se aos detentores da propriedade, (1) pôr fem practica a maxima predilecta de Francisque Sarcey, (2). Abstenho-me de o fazer porque não gosto de palavrões e porque, quanto a mim, a razão e o bom direito não se acham geralmente do lado daquelle que fala mais alto, nem d'aquelle que atira a injuria mais forte. Não, não tomarei esse caminho; quero unicamente fazer-vos saber que: Se supprimis os auctores dramaticos nacionaes, effectivamente o Brazil nada tem a ganhar num accordo com a França em materia de propriedade litteraria; porem que enquanto França Junior, Arthur e Aluizio Azevedo, Araujo, H. Chaves, V. Magalhães, Q. Bocayuva, Sizenando Nabuco, F. d'Almeida, Sampaio, Patrocinio, com outros, vós talvez e eu, existirmos *haverá uma parte do Brazil que tem a perder com o systema em vigor.*

Falo-vos dos auctores dramaticos, porque sob o meu ponto de vista são elles que mais se devem queixar da ordem de cousas actual, visto que nada ganham com a venda de suas obras, mas sim com a representação d'ellas; e tambem porque eu pertenco a essa familia. E' verdade que sou o mais pequeno, o ultimo nascido, e talvez por causa d'isso o mais ousado; mas que quereis? pertenco a esse numero, é justo, portanto, que tambem eu queira o meu *logar ao sol*, e que advogue o direito que tenho á vida.

Para vos demonstrar que não sois justo quando dizeis que: O Brazil so teria a perder com um tratado litterario com a França, permitti-me submetter-vos este raciocinio: Supponhamos que tendes uma peça dramatica na vossa pasta e, o que é muito natural, desejaes fazel-a representar; apresental-a-eis a um theatro, será aceita, mas tendes de esperar a representação das peças estrangeiras então em scena; depois a d'aquellas que estão em ensaios; em seguida a d'aquellas que estão na copia; finalmente tendes de esperar que não haja mais peças francezas nos archivos do theatro; porem, como por falta de uma convenção com a França, nunca chegará essa occasião, vos que esperaveis vossos direitos de auctor para satisfazer as necessidades quotidianas, vós *auctor original*, sereis obrigado a fazer-vos traductor. E ali não terminarão ainda as vossas provações, porque então tratar-se-á de andar depressa, de ser o primeiro a chegar; já não será mais uma questão de originalidade, de imaginação e de talento, mas sim um pugilato de actividade e de rapidez.

A menos que, todavia, conteis entre os vossos amigos um actor de influencia sobre a companhia, que imponha e monte a vossa peça para seu beneficio; porem isto é una excepção e uma *pechincha* rara.

E' fora de duvida que se as emprezas theatraes ou os traductores tivessem de pagar direitos aos auctores francezes, as traducções seriam em menor numero porque seriam mais custosas.

Notae que eu não censuro os directores do theatro; elles fazem bem, a lei os auctorisas, seriam realmente, d'uma simplicidade elemental se montassem peças nacionaes de um éxito problematico, quando sabem que «O

(1) «Narcoticos» Volume 2º Pag. 7.

(2) «J'appelle un chat un chat».

príncipe Zilah, por exemplo, foi muito apreciado em Paris, não faço *reclame*. Estão no seu direito; aproveitam-n'o e têm razão.

— Somos tão poucos! direis.

— Mas como quereis que augmentemos se, no estado actual das cousas, não nos é permittido viver?

— Mas isso não é razão; os industriaes achavam-se em muito pequeno numero no Brazil, e, para lhes tornar a vida possível, implantou-se um systema inteiro de proteccionismo, que favorece o productor em detrimento do consumidor. Então, porque nos, operarios do pensamento, não aspirariamos ás mesmas prerogativas que aquelles que trabalham a madeira e o ferro?

— E' precisamente para tratar estas questões que eu desejo vos reunir, ides me dizer.

— Reuni-nos, então, mas não creeis opiniões *à priori*; reuni-nos e discutamos, porque se vos vos arrogaes o direito de me dizer, fora do seio d'esta associação, ue dois e dois fazem quatro, eu, seguindo o vosso exemplo, responder-vos-ei que podem fazer cinco e dois, depende isso da collocação dos algarismos.

— Sendo o mais difficil reunir-nos, reunamo-nos; as discussões não faltarão.

— Escrevendo de boa fé estas poucas linhas, provo que tomo um grande interesse pelo vosso projecto, e se discutio uma phrase d'elle, é porque ella me toca de perto. Quanto á sua parte practica, isto é, quanto ao projecto dos estatutos da sociedade, não posso deixar de vos reiterar minhas felicitações as mais sinceras.

De V. S., etc., etc.

E. ROUËDE

N. B.— Excusado é dizer-vos que, desde que o Dr. Valentim Magalhães me offerece as columnas d'*A Semana*, para dirigir-vos esta carta, tem-n'as elle também á vossa disposição, caso seja eu merecedor de uma resposta.

## O BRITADOR DE RUBINS

VERSÃO DE R. PORCIUNCUA

Vi uma vez um louco britando pedras na orla de uma estrada. Não por officio: por loucura.

Uma por uma, ia tomando as pedritas, batia-lhes com o martello, e, muito rapidamente, com um ar de anciedade, examinava os destroços, virava-os e revirava-os e depois atirava-os fóra, com um gesto de desanimo.

— Que está procurando nessas pedras? perguntei-lhe.

— O veio do ouro, que ellas deveriam conter, respondeu-me. Mas não o acho nunca, ah! nunca!

Compadeci-me d'elle.

— Isso é muito triste, disse-lhe.

Interrompeu o trabalho.

— Muito mais triste era isso quando, em vez de ser um britador de pedras da estrada, eu era um britador de rubins. Ia de mulher em mulher, cheio de tristeza e de colera. Tomava-lhes os corações, corações de moças, ou de esposas ou de cortezãs. Eram todos vermelhos, mas duros e gelados, simi-

lhantes a rubins crusos; e era em vão que, batendo-lhes com o meu, fazia abrirem-se aquelles corações. nunca achei nelles o veio do amor que eu procurava, não, nunca, ah! nunca!

CATULLE MENDES.

## JORNAES E REVISTAS

Eil-o, finalmente, o primeiro numero d'*A Quinzena*, o periodico litterario que noticiamos devia apparecer em Vassouras, sob a redacção dos distinctos e jovens homens de letras Alfredo Pujol e Jorge Pinto.

Traz a data de 29 de Fevereiro, consta de 8 paginas, magnificamente impressas nas famosas officinas typographicas dos Srs. Lombaerts & C. No formato, na distribuição das materias e em varias outras particularidades materiaes, como na indole e intuitos, é *A Quinzena* tão parecida com *A Semana* que não trepidamos em, com grande gosto e sem modestia, consideral-a nossa filha; e, como tal, havemos de estimal-a com toda a cordialidade e de protejel-a com a fraqueza dos nossos recursos.

Em meio das difficuldades e dos desgostos de toda sorte que nos têm assaltado em caminho, consola-nos e recompensa-nos o espectáculo dos brilhantes fructos do nosso trabalho, representados no apparecimento de periodicos de indole e feição semelhantes ás nossas. Hontem foi *A Revista dos Novos*, em S. Paulo, e *O Domingo*, em S. João d'El-Rey, e mais longe, na cidade do Porto, alem do Atlantico, *A Semana*; hoje é *A Quinzena*, em Vassouras, não contando outros que estão prometidos. A nossa collega é homonyma de Portugal, dirigida por Alberto Bessa, transcreve em todos os seus numeros varios dos nossos trabalhos.

Na Bahia fundou-se também uma admiravel *Revista Popular*, sob a direcção do illustrado Dr. Benjamin Franklim.

Não ousamos affirmar que fossemos também nos a causa indirecta, o elemento inspirador do apparecimento d'esta; mas registramos o facto de haver nascido depois de nos, contrastando este auspicioso movimento, esta imprevisita florescencia litteraria com a geral apathia e o completo estagnamento anterior.

A que outra melhor paga poderamos aspirar?

A falta de espaço não nos permite tractar hoje do primeiro numero d'*A Quinzena*.

Limitamo-nos a dizer que é magnifico, admiravel, soberbo e a transcrever o seu opulento summario. No proximo numero conversaremos mais longamente a respeito d'este collega que nos honra e que nos deslumbra.

Eis o summario:

« Expediente; Nós, J. Pinto e A. Pujol; Os nossos collaboradores, A redacção; Mundo interior, Machado de Assis; O ideal da Condessa, Valentim Magalhães; A Venus de Vienna, Raymundo Corrêa; O Palhaço, Julia Lopes; A Lesbia, Lucindo Filho; Os votos de Estacio, Lucio de Mendonça; Olhando a corrente, Olavo Bilac; A Velha, Adelina Vieira; As Vocações, Hippolito Pujol; Tardes de Abril, S. de Souza Junior; Canto do Hiawatha, Americo Lobo; Notas e Noticias.»

*Ypsilon*—jornal alphabetico carnavalesco do Club dos Democraticos. O seu primeiro artigo, intitulado *A Serio*,

refere-se á nossa folha, mas refere-se com tanta gentileza e galhardia, que não temos remedio senão dedicar-lhe algumas palavras.

Primeiramente, damo-nos os parabens por havermos censurado um outro jornal do mesmo club, porque o *Ypsilon* apparece-nos agora limpo das maculas que afeivavam o outro. Ganharam os jornalistas carnavalescos, ganhou o club, e ganhamos nós a satisfação de ver os nossos desejos coroados de bom exito.

Agora um reparo: Não é nosso collega de relacção, nem jamais escreveron uma linha na *Semana*, o cavalheiro que em 1879 escrevia no Club dos Democraticos sob o pseudonymo de *Filet aux champignons*.

Devemos advertir que nessa época nenhuma sociedade carnavalesca tinha jornal seu. Aquelle pseudonymo apparecia assignando os *puffs* nos jornaes diarios.

Foi outro—e esse é que escreve hoje nesta folha—que em 1880 fundou nos Tenentes do Diabo o *Diabo da Meia Noite*, primeiro jornal que em clubs d'aquelle genero teve uma periodicidade regular.

Nos jornaes redigidos por ou sob a direcção de *Belfogor*, nunca foram publicadas obscenidades, como será facil verificar nos archivos d'aquella sociedade. Não seriam de uma candura evangelica os jornaes escriptos pelo nosso companheiro; não levariam ninguém para a beatitude celestial da promessa divina, de accordo; mas também não davam logar á intervenção moralisadora das auctoridades do quartirão.

O chronista do *Ypsilon* é carnavalesco novel, pouco abeberado na historia pantagruelica, extravagante e exquisitissima do reino fulgurante e eterno do deus Momo.

Queira emendar a mão, e, mais uma vez, receber os nossos cordiaes cumprimentos e os protestos da nossa sympathia ao jornal e ao Club.

M. VALENTE.

## O SEPTIPATHA

A imprensa transcreve e commenta com brio e dignidade uma correspondencia da *Patria Italiana*; a mocidade offendida reúne-se para deliberar; a porção mais escolhida do povo revoltase, e a classe medica, representada pelos que se encarregam de manter a lei que regularisa o exercicio da nobre profissão neste paiz, deixa correr a indignação levantada, porque tem certeza que tudo acabará pelo esquecimento, em beneficio ainda do offensor.

Será, por ventura, isso alguma cousa nova para este paiz que tem sido o campo de vastas e proveitosas explorações de aventureiros, que, repletos de grossos capitaes, demandam novas terras, deixando nesta o cunho da ingratição do atrevimento?

Por certo que não.

O que mais nos deve admirar é que, existindo a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, donde todos os annos saem moços distinctos e habeis, que encontram difficuldades em ter clinica, por causa de sua modestia, o que mais nos deve admirar é que, havendo a Inspectoria Geral de Hygiene, se conta que um J. B. Poli faça annuncios extravagantes para chamar a concorrência dos que se apresentam como pobres aos profissionaes honestos e de merito, e que não recusam dispender

quantias exorbitantes para entregar-se a pretendida sciencia d'esse Dulcamara. Ainda mais.

E' do regulamento da Inspectoria Geral de Hygiene que o medico clinico não pode ter pharmacia nem fornecer aos seus doentes medicamentos que elle manipule; e, no emtanto, ha amos já que o septipatha da Rua do Sacramento clinica, sem que uma receita sua conste dos livros de qualquer pharmacia, pois elle os vende aos seus doentes, ou os dá gratuitamente em dias determinados, como coasta dos seus annuncios.

O Sr. J. B. Poli faz muito bem em tratar-nos como se lê na sua correspondencia para a *Patria Italiana*, porque temos sido nos que fornecemos meios para que elle seja hoje atrevido.

A mocidade academica de 1878 e 1879, da qual já sahiram importantes ornamentos da nossa sociedade, deve lembrar-se do modo humilde pelo qual apparecem aqui o Sr. J. B. Poli, com pretensão de defender these de sulliciencia para exercer a proffsão no Imperio. De chapéu na mão, e quasi de joelhos no terra, .. vimos muitas vezes na 4ª enfermaria de medicina do hospital da Misericordia, na occasião em que o sabio mestre conselheiro Torres Honnem enthusiasmava os seus alumnos como as suas proveitosas lições. Depois, nos salões da Faculdade de Medicina, em conversacom os alumnos revellava a maior ignorancia dos conhecimentos medico-cirurgicos e dos mais rudimentares principios de anatomia e de physiologia; e com a maior desfaçatez e vimos sustentando uma these mediocre, em frente áquella congregação que contava mestres de intelligencia pujante e de illustração vastissima.

O resultado, porém, foi que o Sr. J. B. Poli sahiu habilitado a clinicar em nosso paiz, retirando-se para o interior, onde esteve alguns mezes locupletando as algibeiras á custa do seu charlatanismo.

Em 1880 appareceu em plena capital do Brazil, onde existia uma Junta Central de Hygiene Publica que lhe consentiu os rufos de seu tambor e o som das campainhas que elle agitava com força, chamando a freguezia á sua tenda da Rua do Sacramento, para experimentar os prodigios da sua septipathia.

Hoje, já com alguns contos de réis no bolso, insulta o paiz que o acolheu, o povo que o enriqueceu e esta mocidade briosa que tem sempre o coração aberto para todos os nacionaes e estrangeiros.

E mesmo assim, sem que ninguém lhe peça que fique, como diz a *Gazeta de Noticias*, o tal Poli mostrava querer permanecer ainda no paiz que elle appellida — dos quadrumanos!

As Faculdades de Medicina do Imperio devem lembrar-se que a velha Europa, quando lá vão vizital-a ainda mesmo os vultos mais importantes na sciencia medica do nosso paiz não lhes dá a importancia que nós conferimos aqui, na maior parte das vezes, a aventureiros!

DR. H. DE SÁ.

## A VIDA ELEGANTE

No subbado transicto os salões do Grupo Familiar de Nictheroy encheram-se de flores... quero dizer — de moças, e houve ali o que se pôe chamar *uma soirée deslumbrante*.

A mais selecta sociedade de Nictheroy tomou parte naquella festa esplên-

dida, que por muito tempo será lembrada.

Foi grande a affluencia de sorios e convidados, não deixando de haver aquella ordem do costume, que tanto distingue a digna directoria do Grupo.

As danças, já se sabe, terminaram pela madrugada, e eu vi desfilar saudoso aquelle bando multicolor de bellezas paradisiacas para somente vel-o, — vejum so! —, d'aqui a um mez, quando tiver logar a proxima partida.

Eis o que foi d'esta vez o concerto organizado pelo Grupo Familiar, (leiam e admirem:)

Estiveram acima de todo elogio e foram applaudidas com verdadeiro entusiasmo as peças cantadas pelas Exmas. Sras. D. D. Francisca Soares de Freitas, Josephina Bastos de Souza, Luiza Dias Louzada, Alice Vianna, Anna Pinto Thompson, Conceição Soares de Souza, Eliza de Agostini Arnaud, Anna Romana Soares de Souza, Luiza Lopes Soares de Souza, Jacyntho Alzira de Sá

Eugenia Passos de Sá, com acompanhamento pelo Sr. Genaro Arnaud. Tomaram parte tambem, sendo recebidos com bastantes applausos, e executando peças de Cavallini, Rossini, H. Herz, Donizetti, A. Pazza, Campana, A. Napoleão, C. Gounol e Pacini, as Exmas. Sras. D. D. Eliza Rosa de Andrade, Maria Eliza de Andrade e os Srs. Dr. Julio Clemente de Faria, Horacio Lemos, Motta Mello, Raphael Agostini e Antonio Bruno de Oliveira.

Parabens á directoria do Grupo Familiar pela sua magnifica festa de sabado.

Acabamos de receber, um elegante cartão, convite do «Club Engenho Velho» para o baile á fantasia que se ha de realizar nos seus salões na noite de 8 de Março.

Isso é que vale ser uma festa! Vou encomendar a minha fantasia.

LORGNON:

## SAHARA VITÆ

Lá vão elles, lá vão! O céu se arquea  
Como um tecto de bronze infinto e quente.  
E o sol fuzila, e fuzilando ardente,  
Criva de flechas d'ago o mar de areia.

Lá vão com os olhos, onde a sede atéa  
Um fogo estranho, p. ocurindo em frente  
Esse oasis do amor que, claramente,  
Asem, bello e falfaz, se delicia.

Mas o Simoun da morte sopra. A tromba  
Convulsa envolve-os, mata-os e applacada  
Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

E o sol de novo no igneo céu fuzila...  
E sobre a geração exterminada  
A areia dorme placida e tranquilla.

OLAVO BILAC.

## POESIA E POETAS

RESPOSTA AO «DOMINGO»

Tendo nós no n.º 58 d'esta folha e neste logar escripto um pequeno artigo de recepção ao livro de poesias que sob o titulo *Cancões d'Aurora* publicou em Onro Preto o Sr. Francisco Lins, a quem não conhecemos pessoalmente. *O Domingo*, elegante e magnifico hebdomadario que apparece em S. João d'El-

Rei, accusou-nos de bondadosos e terminou o seu longuissimo artigo pedindo provassemos que o Sr. Lins é correcto na forma.

Verdadeiramente, quando escrevemos semelhante artiguinho, não nos passou pela memoria a ideia de que as nossas palavras iriam ser analysadas, commentadas e até autopsiadas, pois tratavamos de dar juizo sobre poesias de principiante intelligente e muitissimo esperançoso, como o é o Sr. Lins, digno, portanto, de toda animação.

Assim mesmo não fomos tão bondadosos para com o novel poeta, como julga *O Domingo*. Chegámos a dizer que as suas *Cancões* tinham defeitos; que das 27 poesias que contem o livro apenas 3 nos agradaram; chegámos a indicarlhe, para que facilmente se corrigisse em futuras composições, certas maculas de uma quadrinha da *Tempestade*, e terminando pedimos que o Sr. Lins trabalhasse e estudasse.

Creemos com isto tel-o recebido, não com indulgencia nem com uma «boa e excessiva vontade capaz de encontrar vocação decidida para a arte» aonde a não ha, mas simplesmente com animação, pois não seria justo recebello com indifferentismo ou com adjectivos pingando ironia e indelicadezas, cousas aliás pouco dignas de nós e muito menos de quem, como o Sr. Lins, remettendo á *Semana* o seu primeiro livro, vinha pedir-nos nossa opinião e conselhos.

*O Domingo*, como citassemos no nosso artiguinho o soneto *Judeu Errante*, encetando a sua critica, disse que o assumpto d'este soneto pertence ao numero das *velharias*, tanto tem sido elle — assumpto — explorado.

Sorprenheu-nos de véras esta exigencia critica d'*O Domingo*.

*Velharia?* Concordamos. Mas o que ha de novo sob o sol? O que é que se canta hoje que já não tenha sido cantado ha muito?

O amor, que ainda nos nossos tempos tem servido de motivo a primorosas composições, é velhissimo assumpto. A lagrima, apezor da analyse chimica porque passou, analyse esta cantada num esplendido soneto pelo auctor das *Blasphemias*, foi, é, e cremos que será, fonte purissima de inspiração e motivo para muito mimo litterario. A mulher, quer ella seja endeusada e poue em throno feito de nuvens e cherubins como na *Divina Comedia* do Dante, quer seja envolvida pela noite tristissima dos vicios como *Imperia*, é um assumpto que cheira ao po dos seculos e no emtanto não houve e não ha quem deixe de tanger as cordas de sua lyra ante essa *velharia*. O Céu serenamente azul e profundamente mysterioso o mar, o infinito monstro, o pérfido abyssmo, inconstante e profundo como o coração humano; a terra com todos as suas pradarias, com todos os seus encantamentos; o sol, a lua, os lyrios, tudo isso emfim que nos prende e nos arrebatá quer pela fascinação do brilho, quer pela vivacidade da cor ou pela delicadeza do perfume, não pertencerá ao numero das *velharias*?

Ha nada de mais *velho* e de mais explorado?

De certo que não! e, no emtanto, estas *velharias* servem ainda de assumpto a muita obra prima e serão sempre *novas* quer retratadas na prosa ou no verso conforme a *maneira* e o grau de impressionabilidade d'este ou d'aquelle escriptor. Não ha assumpto velho, mas unicamente — poetas novos.

No soneto *Defronte da estante*, tambem citado por nos, *O Domingo* mostrou-nos que o Sr. Lins conhece pouco a lingua, pois para indicar diversas relações de logar, serve-se somente dos adverbios

aqui e ali. Ora Deus nos perdoe! Que o Sr. Lins tem descuidos grammaticaes, estamos de accordo, mas que *O Domingo*, por uma simples repetição de adverbios ajunze dos conhecimentos que qualquer cidadão tenha d'esta ou d'aquella lingua, isso é que não podemos comprehender. Entim...

Não comprehendemos tambem o interesse que tem *O Domingo* em receber de uma maneira tão pouco amavel *As Cancões d'Aurora*. Não satisfeito com avivar uma por uma as maculas do livro do Sr. Lins, chegou até a descobrir outras e outras. Assim é que d'esta quadra:

«Cheguei-me vagaroso ao branco leito  
Daquella virgem loira e languinosa;  
E quiz depor-lhe um beijo sobre as faces  
Manchadas de carmim, de côr de rosa.»

*O Domingo* diz:

«Imagine-se o effeito que produziria  
numa virgem loira e LANGUINOSA (!) que,  
para dormir, tivesse a extravagante  
idéa de manchar as faces de carmim e cor  
de rosa! Horresco!»

A vista d'isto nós, que não tínhamos descoberto nada de ruim naquelles versos, tratámos de nos guiar pelos asser-tos d'*O Domingo*.

Saltou-nos logo á vista por causa do gripho a — virgem loira. Que quereria dizer aquelle italico?

Em seguida encheu-nos o olhar o ver-saete de languinosa, mas ahi apenas encon-trámos um neologismo infeliz e mais nada.

E em peccado de neologismos... ou-sará o critico d'*O Domingo* atirar a primeira pedra?

Por fim chegamos ao manchar as faces de carmim, de côr de rosa. Eureka! disse-mos satisfeitißimos...

Verdadeiramente *O Domingo* tem catulupas de razão. E' de má effeito, até ante-hygienico uma virgem manchar as faces de carmim para dormir.

Mas... nova desillusão! não foi isso o que o Sr. Lins disse. O novel poeta pinta-nos a seu modo umas faces coradas como o carmim ou como a rosa.

Ahi como nos entristeceu este rasgo de critica d'*O Domingo*! São cousas.

E cousas que lastimamos sinceramente, porque um livro de estréa, e mormente quando o seu auctor, como o Sr. Lins, revela inspiração, não pode, não deve ser analysado por aquella forma. A missão do critico ahi é aconselhar e aninar, simples e unicamente.

*O Domingo* que nos desculpe agora esta verdade: foi injusto para com *As Cancões d'Aurora*. Livro de estréa, repetimos, não poderia satisfazer *in totum* as exigencias do seu (e do nosso tambem) paladar litterario, tão affeito aos *acepipes* banvilianos; mas está longe de merecer a critica acerba que lhe fez o illustrado collega.

Terminando, agradecemos ao *Domingo* a delicadeza dos adjectivos não merecidos com que honrou, no seu artigo, o nosso obscuro nome, e esperamos que não prolongue esta pequena discussao, que está pedindo o seu ponto final.

Por nossa parte elle ahi fica.

ALFREDO DE SOUZA.

## DEFEZA DOS COGUMELOS

A. PELIPPE L. PALETTA

«Ruim como um cogumelo!»

«Aquelle typo é como os cogumelos: vive na lama; bem mostra que é tão ruim quanto elles!»

E por ahi vac-se assim diariamente

augmentando a má fama dos cogumelos.

Que injustiça! exclama a Botânica.— Pois que! então são isso os *champignons*? Eu direi (continua) onde ha cogumelos não ha podridão. E' certo que elles apparecem, multiplicam-se e vivem onde um foco de podridão se desenvolve, mas sua presença aqui é como a do ferro em braza que mata um cancro, ou como a da aurora que espanta a noite e a da agua que a sede estanca ou limpa e lava o que impolluto não está.

Numa carteira de notas de nossos tempos academicos (calou-se a Botânica) encontra-se a seguinte verdade, referida não sabemos por quem:— os cogumelos influem energicamente para a decomposição dos corpos organicos, mas realizam essa decomposição sem desprendimento de gases mephticos, e acceleram tal phenomeno, dando em resultado productos de fermentação.

Sem elles, pois, não existiriam os liquidos alcoolicos, nem mesmo a cerveja — essa eterna productora de ataques de estupidez—que com seus pobres cinco por cento de alcool tanto consumo tem no mundo civilisado.

A esse outro cogumelo—o esporão de centeio—quantas mães de familia não devem a vida quando, no critico e laborioso momento physiologico, ao exercer, rem a sagrada função da maternidade—uma grave hemorragia vem, complicando o caso, ameaçal-as de morte?

E tambem quão interessantes não são essas microscopicas mucidineas e mucorinas que, por preferirem para sua alimentação as materias vegetaes são chamados pelos botanicos — *pequenos corvos vegetaes*?

Bellinck, citando Leveillé, diz que em 1856 vendiam-se de cogumelos em Paris, so no mercado d'aquella cidade (afora o que se comia salgado, em conservas etc.) 6000 francos, além do que se comprava em estabelecimentos hortícolas.

Essa importancia commercial ainda sobresahe com saber-se que em Mery-sur-Oise as plantações de cogumelos abrangiam (hoje muitissimo mais) 45 kilometros, vendendo-se ali para mais de 2000 kilos.

No estudo botanico d'esse vegetal ha interessantes phenomenos que não cabem nos estreitos limites d'estas poucas linhas.

Ha cogumelos luminosos, phosphorescentes, principalmente quando aquecidos.

Onde ha luz ha risos e não crimes, e, deante d'elles, como explicar-se a rebarbativa e desdenhosa idéa de comparar-se um máu sugeito com as excellentes e variadas qualidades de tão precioso vegetal?

Mas, pelo que dizendo vimos, vemos que os cogumelos são polymorphos. Ha grandes e ha infinitamente pequenos; d'entre os ultimos alguns são malignos, porque são productores de molestias.

Hallier escreveu uma memoria sustentando ser o cholera-morbus produzido por um cogumelo.

A *tingha favosa* e as differentes variedades de *herpes* desenvolvem-se á custa delles,

Triste reverso de medalha a que uma boa parte da humanidade (*va victis!*) se não pode furtar. Mas não são estes—os invisiveis—os taes que vivem na lama...

Rio, Novembro de 85.

DR. FRANCISCO PESSANHA.

## SPORT

Realisaram-se no ultimo domingo as corridas do *Hippodromo Guanabara* e todos os jornaes que noticiaram o divertimento foram unanimes em preferir que elle houvesse sido transferido por causa do máu tempo. Verdade seja, que desviaram toda a culpa de sobre a digna Directoria, atirando-a para os proprietarios que reunidos resolveram fazer os seus animaes correr.

Não temos a pretensão de ser o que melhor pensa, mas não nos podemos furtar a emittir nossa franca opinião. Para nós nenhuma culpa tiveram, nem a distincta sociedade *Hippodromo Guanabara* nem os proprietarios. Quando estes ao meio dia conferenciaram e resolveram dar a corrida, se é verdade que choviscava, parecia provavel que d'ahi a pouco o tempo iria limpar e só fiados nisto tomaram aquella resolução.

Começato o divertimento, como interrompelo, sem com isso trazer grandes perdas para a sociedade e para elles, proprietarios? Nesta questão de corridas devemos sempre tornar saliente que não existe a menor subvenção nem do Governo nem da Municipalidade, o que obriga muitas vezes a fazer-se não o que é melhor, mas o que menos prejuizos pode acarretar.

O desastre acontecido com a egua *Bella-Alliança* não teve a importancia que lhe querem dar, embora todos lastimemos a perda de um excellente puro sangue e estejamos desconfiados de que houve um pouco de atropellação no jockey que montava *Bonita*. Mas estes desastres são muito communs nas corridas disputadas e se a raia não estivesse alagada talvez todos se limitassem a mencionar o deploravel incidente. Com as raias em perfeito estado tem-se visto *Africa, Talisman, Mandarin, Nicoafi, Speciosa, Almirante*, etc calirem, sem que por isso sejam accusados nem jockeys, nem proprietarios, nem directorias.

Ainda uma vez repetimos: o *Hippodromo Guanabara* e os proprietarios não tiveram culpa da chuva manter-se impertinente e do divertimento não ter corrido como seria para desejar.

Os animaes inscriptos no 1º pareo (350 metros) foram divididos em duas turmas, correndo na 1ª *Zizaina, Buchinha, Sultão, Cruzeiro e Didi* e na 2ª *Savana, Ganso e Pampeiro*. Na 1ª turma *Buchinha*, apesar de ter tomado a ponta e de ter condições para ganhar, foi soffreada pelo jockey Gustavo, o que fez com que sahisse victorioso *Sultão*. *Didi* tambem entrou no conselho dos bispos, na phrase humoristica do collega que redige esta secção na *Gazeta de Noticias*. Na 2ª turma venceu *Savana*, chegando em 2º logar *Ganso* e distanciado *Pampeiro*, que tanto tem de grande quanto de bacanarte.

No 2º pareo apenas correram *Aurora, Vampa e Nicoafi*, sahindo vencedor este ultimo que fez os 1.000 metros montado pelo jockey Arthur.

Correram no 3º pareo *Bella Alliança, Francoise, Jaguary e Bonita*; o tiro era de 1.750 metros e *Francoise* foi a primeira a chegar ao vencedor, tendo cahido desastradamente e pouco depois fallecido *Bella-Alliança*. *Jaguary* e *Bonita* foram distanciadoss.

Aproveitamos a occasião para aconselhar ao proprietario do *Jaguary* que o faça correr por um jockey, pois a pericia do menino que o monta ficou em evidencia desle tem celebre pareo no *Hippodromo Fluminense* em que elle andou no pescoco da *The Witch*, eac não eac, e sem saber o que fizesse das reatas.

Jaguary deveria ter facilmente tirado o 2º premio.

No 4º pareo *La Ferthé* não tendo competidora levantou a metade do premio.

No 5º pareo (1.450 metros) *Bitter*, *Atteza*, *Bonita*, *Príncipe Alberto* e *Nicoasi* disputaram a carreira sahindo vencedor o ultimo.

Finalmente no 6º pareo *Savana* mostrou sua superioridade sobre *Eucharis* e bateu-a valentemente nos 1.450 metros, apezar da protecção de *Sultão*.

Desculpem os Srs. proprietarios mais uma rabecada contra o famoso conselho dos bispos e se convençam de que com os concharos estão cavando a sua propria ruina. O povo anda muito escarmentado; já a ultima corrida do *Prado Villa-Isabel* apenas a *poule* deixou pouco mais de 5.000\$, e o *Hippodromo Guauabara* nesta ultima corrida fez pouco mais de 2.000\$. O resultado é que os premios forçosamente tendem a diminuir, sendo os mesmos proprietarios de animaes os unicos que com isso devem soffrer.

Os leitores d' *A Semana* devem estar contentissimos; na verdade lhes demos os seguintes palpites para o *Hippodromo Guanabara*: no 1º pareo *Savana*; no 2º *Druid*; no 3º *Garibaldi*; no 4º *La Ferthé*; no 5º *Nicoasi*; no 6º *Savana*; ora *Druid* e *Garibaldi* não correram e todos os outros ganharam!!!

Deve realizar-se amanhã a 2ª corrida do *Prado Villa-Isabel*.

O programma é importantissimo e em todos os sete pareos é difficil a escolha. Em todo caso, attendendo ao tiro, pezo, estado dos animaes, etc arriscamos os seguintes palpites: No 1º pareo *Buchinha*; No 2º *Druid*; No 3º *Curubaid*; No 4º *Guanaco*; No 5º *Corubaid*; No 6º *Dinorah*; No 7º *Savana*.

L. M. BASTOS.

## THEATROS

Esta semana foi verdadeiramente de rosas para os emperezarios do *Lucinda* e *Príncipe Imperial*. Souza Bastos, para solemnizar a reaparição da actriz *Pepa*, ornamentou luxuosamente o seu theatro, e, alem de dar-nos mais uma *reprise* da *Mam'zelle Nitouche*, lardeou-a de lindissimas conçonetas, cantadas, pelas distinctas actrizes *Rose Meryses*, *Manzoni* e *Oudin*. O publico não faltou a esta esplendida festa e não regateou applausos, flores e mimos.

O *Braga Junior* teve na segunda-feira, no *Lucinda*, a festa dos anctores do *Biloutra*, que foi brilhante.

A actriz *Villiot* volta para o *Sant'Anna*, que continúa a levar com successo *A Mulher-Homem*, para a qual está preparando um novo *jongo*, do mesmo auctor do primeiro, e algumas surpresas mirabolantes.

E, por falar em *Sant'Anna*, não podemos deixar de manifestar a má impressão que nos causou a retirada do Sr. *Polero* e de *Mme. Henri*: Talvez que tenham ainda de se arrependar. Em todo caso é para sentir a ausencia d'esses excellentes cantores na companhia do *Heller*.

E para terminar temos a dizer que no *Recreio* tem apparecido a *Fé*, *Esperanca* e *Caridade* e reapparecido, com enchanetes, já se sabe, o monumental—*Conde de Monte Christo*.

P. TALMA

## FACTOS E NOTICIAS

### TENENTES DO DIABO

A sessão preparatoria de hoje ha de ser como *Diogenes*, na *Mulher-Homem*: —levadinha da breca.

Crêdo! só o pensar no que vai ser na *Caverna* a noite de hoje dá tremeliques á penna e põe formigueiros nas barriguinhas das pernas.

Olhem, o melhor ó lerem o *puff* dos bravos *Tenentes* na nossa ultima pagina, que está realmente — *parallelipipedico*!

Hurrah! — pelos *Tenentes*!

### OS FENIANOS

Hoje — ultima audiencia no tribunal da *Galhófa*, que será tão deslumbrante, *peripathetica*, *clarino* — *pifaro* — *zabumbastica* como as anteriores. *Evolé!* *Padre Lineu!* *Sylphides*, *Hethairas*, *Penelopes* do goso, que não findaes nunca de tramar a doirada teia dos vossos feitiços, encantadoras *perdições* dos marmanjos — *fenianos* ou não —, ao *champagne*, á *folia*, ao *cancan*! *Evolé!*

A commissão nomeada pelo Sr. ministro do imperio para organizar o plano de reforma da instrucção publica encarregou de illustre pedagogo, Exm. Sr. barão de *Macahúbas*, que d'ella faz parte, de escrever o projecto de reforma do ensino primario e secundario. S. Ex. já iniciou o seu importantissimo trabalho.

Regressou de *Cabo Frio* com sua Exma. familia o nosso estimado collaborador *Luiz Gonzaga Duque-Estrada*. Vae *A Semana* enriquecer-se novamente com os bellos artigos sobre *Bellas Artes*, que tão a contragosto, interrompimos.

Está inteiramente restabelecido da gravissima febre de que foi acommettido, o nosso estimado collaborador *Alberto de Oliveira*, o grande poeta dos *Sonetos* e *Poemas*.

Acha-se fuccionando novamente o *Instituto Abilio*, que, por uma leviana ordem de um delegado da *Inspectoria Geral de Hygiene*, foi mandado fechar pelo facto de haver fallecido de febre amarella um alumno d'aquelle Instituto... em casa de sua familia! O illustre presidente barão de *Ibituruna*, mandou abrir o collegio logo que soube do facto, dispensando mesmo a visita minuciosa do estabelecimento, a que, não obstante, foi forçado pelo director do collegio. Tivemos occasião de visital-o tambem e não encontraríamos palavras para descrever o asseio, a ordem, a disciplina, a salubridade e o bom gosto que se encontram, em alto grau, nesse notavel estabelecimento de educação, incontestavelmente um dos mais completos e dos mais importantes do *Brazil*.

Este pequeno incidente desagradavel foi mais uma victoria para os illustres directores do *Instituto Abilio*.

Felicitamol-os.

## CORREIO

— *Sr. K. Rioca*. — Se é que a sua poesia « Os teus olhos » está na altura da beleza dos olhos da bella, a unica conclusão que se pode tirar, é que a sua diva tem os olhos vesgos. Sim, uns olhos que inspiram versos cambaios, olham por força para *ante-hontem*. Imagine o leitor n'os olhos que, na opinião do vate de *Muzambinho*, são como *rubins no eco pregados*! Conclue o poeta dizendo que por elles daria... o céu, a razão. Nada mais facil do que a gente dar o que não possui. Tenha paciencia, meu boim Sr. *Carioca*, mas... d'esta vez não pode ser.

— *Sr. Augusto Guimarães*. — Vejamos o seu sonetinho *Ajujo*:

Que cabelo formoso  
Os teus hombros ondula!...

*Horresco*! Não posso continuar; a grammatica está de joelhos a pedir misericordia! Isto por ventura algum dia foi lingua de branco?!

Passemos ao final de sua producção poetica:

« Oh!... não, ó donzella...  
« Tu és de mais bella  
« Para ser da terra!... »

Não posso deixar de exclamar, parodiando o excelso cantor:

« Ah! não, ó poeta!  
« Es de mais pateta  
« Pra entrar n' *A Semana*! »

E passe por lá muito bem.

— *Sr. João da Silva Loureiro*. O seu soneto, á parte alguns defeitos, não é o que se pode chamar verdadeiramente um soneto detestavel; tem algumas cousas boas. Quer me parecer porém que, desde que não pode figurar com uma poesia de primeira ordem, é de pouca vantagem para si, publicar uma defeituosa. Quem poria mata caça, não sabe d'isto? Continue a trabalhar e sobretudo a limar o mais possivel, o que fizer, que não deixará, com certeza, de ser contemplado.

*Sr. L. A.* — A idéa do seu soneto.

A *Pesca* não é má, e seria com certeza publicada a sua producção, se tivesse sido tratada como convem, e como o ordena o modo no *Codigo poetico*. Maneje melhor a metrificação, salve-se dos escolhos das cacophonias, que chugará sem muito custo ao porto appetecido. Quem o avisa seu amigo é.

— *Srta. D. Geraldina Machado Gama*.

A sua poesia « *Musa da alegria*, » não veio senão derramar tristeza sobre minh'alma! Comquanto V. Ex. me diga que em sua musa não ha de haver talvez « ningo de soluços » eu não posso deixar de confessar que « minh'alma é triste como a rola afflicta! » Continúa V. Ex. dizendo que em sua musa, além de não haver enthusiasmos, não ha tambem « *dynamites russos*! »

Ora, minha senhora, para que ha de V. Ex. querer mudar o sexo á *dynamite*?! Quer queira, quer não queira, esta coisa combustivel, que nas campanhas destroe esquadras de guerreiros, ha de ser sempre tão feminina, como as lyricas donzellas que destroem pelotões de rimas. Euilhm, minha senhora, não podemos publicar a sua *Musa*; e sabe porque? Por ser alegre de mais.

— *Sr. Ali-Babô*, (O. P.) A sua poesia « *A mulata*... » (como este maganão gosta de cantar as mulatas.) sim, como ia dizendo: a sua poesia « *A mulata* » (esta sera tambem como a da *Mulher-Homem*: de earoco no pescoco?)... a sua poesia... (imaginem uma mulata que, no dizer do *Trovador*, *destina catita, como no lago a reioz pata*)... a sua mulata... não é bastante clara, portanto hea condemnada á escuridão do ostracismo. E adensinho, maganão!....

*Sr. L. B.* — Abaixo de sua poesia: *Lendo a Odyssée*, encontrei este — « P. S. E' minha primeira tentativa; devo continuar ou não? » Resposta: Trate primeiro que tu lo de ass & nar termo de bem versejar; do contrario da *Apollo* cae-lhe em cima, que é uma desgraça! A seguir o mesmo caminho errado da *Odyssée* é preferivel que vá tratar d'outro officio!

Eis a nossa opinião rude e franca!  
Tudo se pode hoje aturar, menos versos de pe quebrado.

HENRICO.

# PRADO VILLA-ISABEL

## PROGRAMMA CERAL

PARA A

### SEGUNDA CORRIDA A EFFECTUAR-SE

DOMINGO 28 DE FEVEREIRO DE 1886

Primeiro parco — CONCILIAÇÃO — 1.000 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

Nº	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Buchinho.....	Castanho ....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aymoré.....	Castanho ....	5 »	Idem.....	59 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança..
3	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	56 »	Branco e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bucho.....	Zaino .....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e encarnado.....	A. J. M.
5	Sultão.....	Libuno .....	3 »	Minas Geraes	59 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
6	Guacho.....	Chita .....	2 »	R. G. do Sul..	45 »	Preto e branco e bonet enc..	A. M.
7	Orione.....	Alazão.....	4 »	Rio da Prata.	59 »	Azul e encatuido.....	A. J.
8	Didi .....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
9	Verbena.....	Castanho ....	3 »	R. de Janeiro.	40 »	Ouro e facha.....	Coudelaria S. Cruz.

Segundo parco — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Aranha.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aymoré.....	Castanho ....	5 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança..
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Bonita.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro.....	José Machado.
5	Africa.....	Preto .....	7 »	Paraná.....	54 »	Encarnado e branco.....	L. V.
6	Regina II.....	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.	44 »	Idem.....	Idem.
7	Pretoria.....	Libuno .....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e creme.....	A. C.

Terceiro parco INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animaes estrangeiros até puro sangue. Premios 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Garibaldi.....	Alazão.....	6 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Françoise.....	Idem.....	4 »	França.....	54 »	Idem, idem.....	Idem.
3	Curubaid.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	59 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
4	Camelia.....	Alazão.....	2 »	França.....	48 »	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.

Quarto parco — METROPOLITANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Nicoafi.....	Castanho.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Ouro e encarnado.....	J. & P.
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Idem.....	52 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Jaguary.....	Castanho ....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.

Quinto parco — OMNIBUS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de todos os paizes — Premios: 800\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Bolivar.....	Castanho ....	7 annos	França.....	59 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Curubaid.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	55 »	Preto e encarnado.....	D. F. T.

Sexto parco — VILLA-ISABEL — 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Douro.....	Alazão.....	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	José Lopes da Costa.
2	Nicoafi.....	Castanho ....	3 »	Paraná.....	48 »	Ouro e encarnado.....	J. & P.
3	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.
4	Aranha.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Ouro.....	José Machado.
7	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado e branco.....	L. V.
8	Dmorah.....	Castanho ....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.

Setimo parco — CRIADORES — 1.609 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 250\$ ao primeiro e 70\$ ao segundo

1	Didi .....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	46 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	51 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Sultão.....	Libuno .....	3 »	Minas Geraes	48 »	Grenat e azul.....	J. F. Vaz.
4	Savana.....	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul..	49 »	Ouro e cinza.....	F. G.
5	Pampeiro.....	Idem.....	2 »	Idem.....	45 »	Preto e encarnado.....	Joaquim A. Silva.

OBSERVAÇÕES — Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no 1º parco, as 11 horas precisas no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario,

# T. D.

## S. E. C. TENENTES DO DIABO

SEXTA E ULTIMA SESSÃO PREPARATORIA

### HOJE, SABBADO, 27 DE FEVEREIRO, HOJE

Terminação da grande e hyperbolica symphonia carnavalesca, para dar lugar á

## ENTRADA TRIUMPHAL

do immenso, do espantoso, do deslumbrante, do archi-pilherico e tres mil vezes immortal

### DEUS MOMO!

Vinde adoral-o, cachopas!  
De joelhos, raparigas!  
Vinde entoar as cantigas  
Do amor, ao tinir das cópas!

Evolé! pela Folia!  
Evolé! pela Loucura!  
Esmaltemos de alegria  
Os trances da vida escura!

Eia! atiremos aos ventos,  
Eia! atiremos aos mares,  
Com os ultimos lamentos  
Os derradeiros pezares!

Hoje, por ser o ultimo baile *avant le grand jour*, vae ser um baile de **ARROMBA!**  
Cada perna, no giro das valsas de Strauss e de Metra, tomará a fôrma exquisita e original de um

### SACA-ROLHAS

O sabre famoso do general Fritz, da **GRANDE DUCHESSE DE GEROLSTEIN**, depois da derrota, será um simples e triste fuso comparado ás pernas elegantemente espiraladas dos filhos e das

## FILHAS DO DEUS MOMO

Tudo que a divina arte de Cimarosa tem de mais harmonioso, de mais celestial, de mais terno, de mais vibrante, de mais **CHIC**.

**PSCHUTT.**

**V'LAN**

**AH**

**E BÉCARRE**

tudo nos fará ouvir a incomparavel e olympica banda do famoso

### ELIAS DA PRAIA-GRANDE

Gloria ao Deus immortal, que entre flores e estrellas  
Surge ao mundo sómente em tres dias do anno!  
Venham, pois, adoral-o as bacchantes mais bellas:  
Sobrehumano prazer d'este genero humano!

Na Caverna Plutão, entre fulgidas gemmas,  
Irradiando o fulgor do seu genio immortal,  
Ha de ás nymphas cantar assombrosos poemas  
Em honra ao Deus famoso, em honra ao Carnaval!

ORA VEJAM VOCÊS!...

**DR. MADRUGADA, 1º SECRETARIO**